Artefactum
Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia

# LEITURA POR PRAZER – UMA PROPOSTA DE TRABALHO

Fernanda Soares da Silva Torres
E-mail: fernanda_japeri@yahoo.com.br
http://lattes.cnpq.br/8829547665006624

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de incentivo à leitura, aplicada em uma turma de sétimo ano de ensino fundamental em uma escola pública, localizada no município de Paracambi, RJ. Os alunos foram introduzidos ao ambiente da biblioteca a fim de se familiarizarem não apenas com o espaço físico, mas também com o acervo literário. O contato inicial foi fazer com que os alunos conhecessem as obras e se sentissem à vontade no ambiente em que estavam. Como resultado desse trabalho inicial, podem-se citar a disposição de ler que os alunos demonstraram, apesar de, em circunstâncias anteriores, não apresentarem interesse por esse tipo de atividade.

**Palavras-chave:** alunos: leitura; biblioteca.

O objetivo deste artigo é relatar uma atividade que foi proposta aos alunos de uma turma de sétimo ano de uma escola municipal de Paracambi, localizado na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Havia 17 alunos presentes no dia e a atividade durou cerca de 50 minutos, o que corresponde a um tempo de aula.

Introduzir os alunos ao ambiente da biblioteca da escola a fim de incentivá-los a se tornarem leitores assíduos foi o objetivo desse contato inicial. Isso se faz necessário pelo fato de todos os professores que estiveram presentes ao conselho de classe do 2° bimestre de 2013 detectarem a necessidade de os alunos lerem, pois se notou nestes o desinteresse pela leitura de textos imprescindíveis, como os textos apresentados nas avaliações.

Percebe-se esse problema, pois as provas das escolas municipais de Paracambi são elaboradas de acordo com o projeto político pedagógico de cada escola. Depois que o professor prepara a sua prova, esta é submetida à avaliação da coordenação da escola, que propõe mudanças. Após todas as alterações serem realizadas, a prova é enviada à Secretaria de Educação e Esportes do município a fim de que haja uma nova avaliação

das mesmas. Somente depois de todo o processo, as avaliações são aplicadas nas escolas.

Outro requisito se refere ao fato de as provas de todas as disciplinas precisarem conter diferentes textos, de preferência de diversos gêneros textuais. Assim, não basta fazer uma pergunta direta sobre determinado conteúdo, mas cada professor precisa utilizar textos que se relacionem ao projeto político pedagógico da escola em suas avaliações.

Essa situação faz com que os alunos precisem não apenas dominar o conteúdo específico de cada disciplina, mas torna-se necessária a capacidade de ler e interpretar textos, o que não ocorre na prática. Percebeu-se que a maioria dos alunos não obteve um resultado nem mesmo mediano em mais de uma disciplina devido à falta da leitura dos textos da prova. Viu-se, então, a necessidade de o aluno ser introduzido de forma direta ao universo da leitura, especificamente de textos literários, o que não impediu que ele lesse, nessa primeira atividade, textos não literários.

**Análise da atividade**

Na primeira aula do terceiro trimestre, foi reservado o último tempo de aula, 50 minutos finais, para levar os alunos à biblioteca. O objetivo foi fazer com que eles conhecessem, de forma autônoma, o acervo da biblioteca e aproveitassem o tempo em que estavam ali presentes para ler pequenas obras que mais lhes interessassem. Para isso, os alunos foram avisados que seriam levados à biblioteca pela professora de Língua Portuguesa com o objetivo supracitado.

Antes de começar a relatar o que ocorreu durante a atividade, vale salientar que, por muitas vezes, a professora já havia tentado ir à biblioteca com os alunos, mas, pelo fato de sempre faltar algum professor, a biblioteca estava sempre ocupada, pois, quando um professor falta, a bibliotecária fica com os alunos. É importante ressaltar que o objetivo dessa prática escolar não é introduzir os alunos à leitura, mas não deixá-los ociosos no ambiente escolar. Isso faz com que a biblioteca tenha jogos, como Uno, por exemplo, que não se relacionam ao desenvolvimento da habilidade de leitura no aluno.

No dia em que a atividade foi realizada, a professora verificou que a bibliotecária não estava na escola. Assim, a coordenação liberou que a biblioteca fosse utilizada sem a bibliotecária. Esse parece ter sido um ponto negativo, pois a professora não tem acesso diário à biblioteca e não sabe a lógica da organização desse espaço. Além disso, os alunos costumam dizer que a bibliotecária é chata, pois não os deixa mexer em nada. Caso ela estivesse lá, certamente haveria uma interação entre os alunos e a funcionária. Conforme assinala NEVES (2001, p.224-226), o pessoal que dinamiza a biblioteca escolar deve ter as seguintes características: interesse pelas pessoas, compreensão da função educativa da biblioteca escolar e qualificação profissional. Essas particularidades parecem faltar na relação entre a bibliotecária e a turma que participou da atividade.

Sabendo-se da realidade que a escola apresenta e que "cabe à biblioteca escolar uma importante e decisiva parcela no sucesso ou fracasso de uma proposta pedagógica que priorize o livre acesso à informação, tanto para os mestres quanto para os educandos [,] (NEVES, 2001, p.219) tornou-se necessária a intervenção da professora de língua portuguesa nesse processo.

A biblioteca dessa escola apresenta um acervo de mais de mil livros, mas os alunos não têm o hábito de frequentá-la, talvez por conta da falta da mediação da leitura, ou 'do acompanhamento e da orientação recomendada ao desenvolvimento do saber ler e do gostar de ler'. (NEVES, 2001, p.222)

Dezessete alunos estiveram presentes na aula em que houve a visita à biblioteca. A reação inicial foi perguntar se eles poderiam jogar, o que não foi permitido pela professora. A orientação foi a seguinte: os alunos poderiam ficar sentados em grupos, deitados com as almofadas ou sentados em *pufs*, o importante seria que eles lessem. Apesar de a leitura ter sido uma orientação, não foi obrigada. Pensou-se aqui no que assinala PENNAC (1993) como *os direitos imprescindíveis do leitor.* Segundo o autor,

> O dever de educar consiste, no fundo, no ensinar as crianças a ler, iniciando-as na Literatura, fornecendo-lhes meios de julgar se elas sentem ou não 'necessidade de livros'. Porque, se podemos

> admitir que um indivíduo rejeite a leitura, é intolerável que ele seja rejeitado por ela. (p.145)

Portanto, foi dado aos alunos participantes o direito de não ler, mas eles deveriam ficar em silêncio, caso não quisessem fazê-lo. Apesar de não haver uma obrigatoriedade, apenas um aluno não leu em nenhum momento da atividade, ou em quase nenhum momento, pois esse aluno pegou um encarte de uma loja e começou a apontar a um outro colega as configurações de aparelhos eletrônicos. Apesar de o aluno não ter lido nenhum texto literário, ele leu algo e chegou a procurar algum livro que o interessasse e ainda disse que, se tivesse algum livro sobre cavalos, ele leria. Ele ficou à vontade nessa busca, mas logo se desanimou. Isso não parece ter ocorrido pelo fato de o aluno ser "um caso perdido", mas sim pelo fato de não ter sido introduzido à biblioteca de forma agradável e por não ter o hábito de frequentá-la, salvo quando um professor falta e ele vai jogar damas nesse local.

Ao citar os dez direitos imprescindíveis do leitor, PENNAC (1993, p.154 e 155) inclui o direito de ler qualquer coisa. Ao citar a posição em que seus alunos ficam ao ter de dissertar sobre bons e maus romances, o autor salienta o fato de haver bons e maus romances. A seguir, ressalta-se o fato de existirem romances que são feitos a partir de uma pesquisa de mercado, a chamada "literatura industrial", que constituem os maus romances, visto que "não valorizam a criação, mas a reprodução de 'formas'. Segundo Pennac, esse tipo de romance que geralmente as pessoas encontram primeiro e isso faz com que, em muitos casos, haja o desinteresse pela leitura.

Pensando no direito de escolha do leitor, foi permitido aos alunos que lessem os livros que mais lhe interessassem. Um dos alunos pegou um livro sobre anatomia humana, pois se interessou por algumas ilustrações do corpo humano. Os colegas, ao verem que as ilustrações se referiam ao sistema reprodutor humano, chamaram a atenção da professora, pensando que esse tipo de leitura seria proibido. A professora, porém, permitiu que o aluno lesse o livro, mas de forma individual, sem fazer piadas ou apontar aos colegas o que estava lendo, pois isso poderia desestabilizar a atividade.

Houve alunos que não quiseram ler, pois, segundo eles, não encontraram nenhum livro de que gostaram, mas examinaram o acervo da biblioteca de forma cuidadosa. Outros alunos disseram que já têm muitos livros para ler, como livros religiosos, mas foram chamados à atenção de que parte da aula foi reservada para a atividade, o que fez com que os alunos entendessem o objetivo da mesma e participassem dela. A grande maioria dos alunos aproveitou a oportunidade para ler e conhecer a biblioteca, não apenas o acervo literário, mas o próprio espaço.

Alguns alunos que têm dificuldade de aprendizagem aproveitaram o momento para ler, o que é digno de nota. Talvez a dificuldade desses alunos se baseie na falta de acesso à leitura, por não serem incentivados a isso. Conforme assinala CAMARA (2010, p.1),

> Muitos alunos, tanto de escolas públicas quanto de escolas particulares, não trazem de casa o contato com o livro; uns por questões de ordem financeira – onde falta comida, dificilmente haverá livro; outros por valores distorcidos, dado que o consumo e o lazer estão canalizados para objetos socioculturais entre os quais aquele não se encontra. Nesses casos, aumenta o papel social da escola: ao lado de suas finalidades de formação e de informação específicas, encontra-se a necessidade de suprir aquilo que a família deixou de construir; um tipo de transferência de responsabilidade muito comum nos dias de hoje.

Assim, o fato de as famílias, em geral, não incentivarem os alunos à prática da leitura faz com que os mesmos não tenham acesso aos livros. Talvez essa realidade tenha feito com que os alunos que, em casa, não têm acesso à leitura aproveitassem a oportunidade e os livros que, no momento da atividade, estavam à sua disposição. Se, em casa, o aluno não tem acesso à leitura e a escola não cumpre o seu papel social, dificilmente esse aluno terá acesso aos textos literários. Uma consequência da falta da leitura é a dificuldade de interpretar textos e o próprio mundo. Conforme assinala COSSON (2012, p. 20), “ a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente um indivíduo”.

Os livros mais escolhidos foram de poemas e pequenos contos. Muitos alunos se interessam por poemas nessa turma. Eles foram introduzidos de forma sistemática a esse

gênero textual neste ano, talvez por isso o apego a ele. Além disso, os alunos participaram de um evento na escola e a professora de língua portuguesa trabalhou com eles os poemas de Vinícius de Moraes. Desde então, o gosto pelo gênero vem aumentando.

Os próximos passos em direção a introduzir esses alunos ao universo da leitura serão dados a cada aula. Além de apresentar aos alunos textos de diferentes gêneros, conforme ocorre nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez por semana ou quinzenalmente, de acordo com as possibilidades, a professora levará para a sala de aula alguns livros para que os alunos leiam durante um tempo de aula. O objetivo é que haja discussões sobre as leituras, em aulas posteriores, para que os alunos conheçam as obras que os colegas leem, mas sem valer ponto ou haver uma obrigatoriedade, visto que "o verbo ler não suporta imperativo". (PENNAC, 1993, p.13)

Objetiva-se que essa atividade seja o início de uma melhora na relação entre os alunos dessa turma e a biblioteca. Espera-se que ela seja "entendida como um local que estimula a circulação ou a transferência da informação (...), pertencendo, portanto, a todos os usuários e, ao mesmo tempo, não sendo propriedade exclusiva de uns nem de outros." (NEVES, 2001, p.222)

Além disso, é interessante que os alunos vejam que a leitura não é restrita à biblioteca, por isso serão levados livros à sala de aula e os alunos serão incentivados a pegarem livros na biblioteca para lerem em casa. Na seção em que discute sobre o direito de ler em qualquer, PENNAC, relata o que ocorria com o soldado Fulano. Todas as manhãs, ele se apresentava como voluntário para a tarefa das latrinas, a menos popular. O tempo passava e a tropa chega a esquecer-se dele. No fim de cada manhã, o soldado devolvia a vassoura ao sargento e dizia que o serviço fora feito. O que levaria Fulano a sempre se voluntariar ao serviço mais temido pela tropa? O desejo de ler. Caso o soldado concedesse a tarefa a outros, jamais teria o prazer de ler. O objetivo desse relato é que o leitor da obra perceba que não há lugar para ler. O amante da leitura lê em qualquer lugar: no ônibus, no trem, no banheiro, no churrasco familiar – às escondidas, claro! - e até mesmo no quartel. Assim, os alunos precisam perceber que têm o direito de ler em

qualquer lugar – na biblioteca, em casa, no ônibus e até durante uma aula chata – às escondidas, claro!

**Considerações finais**

Sabe-se que "o ato de ler não é decorrência de uma habilidade inata, ou melhor, não se constitui em dom com o qual o indivíduo nasce e morre, tais como a respiração, a sucção a fala, os movimentos e outras funções vitais." (NEVES, 2001, p. 220) Isso indica que a leitura deve ser ensinada, principalmente quando se consideram os aspectos socioculturais que permeiam a sociedade atual. Considerando-se especificamente a turma trabalhada, percebe-se a necessidade de introduzir os alunos ao mundo literário e ensiná-los a não apenas ler, como sinônimo de decodificar frases, mas ajudá-los na "leitura do mundo", que precede a leitura da palavra. (FREIRE, 1989, p.9)

Houve um interesse, por parte dos alunos, em voltar à biblioteca. Um aluno pediu que, quando a professora fizesse outra atividade como esta, falasse antes com a turma, para que ele levasse o livro que está lendo em casa. Uma aluna, que gosta de poesias, chegou a deixar o livro e começar a escrever poemas durante a atividade. O fato de não haver uma obrigatoriedade no que concerne à leitura de um livro específico ou um número de páginas parece ter feito com que os alunos se interessassem muito mais pela atividade de leitura proposta. Conforme assinala FREIRE (1989, p.12), muitas vezes, o fato de o professor insistir em que os alunos leiam, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes ele tem do ato de ler. Essa situação, em geral, faz com que o aluno leia por ler e, muitas vezes, nem entenda o que está lendo ou, se entender, pode não compreender o sentido ou o motivo do que lê.

Obviamente, não é fácil realizar atividades como a descrita neste trabalho, entretanto, verificar os resultados, ou vislumbrar os que poderão aparecer, faz com que o educador se esforce a realizá-las. Ao citar a fábula do imperador chinês [1], COSSON (2012, p.10) aponta para o fato de não apenas os alunos, mas também professores de outras disciplinas, dirigentes educacionais e a própria sociedade verem a literatura como um saber desnecessário. Essa é uma postura arrogante e faz com que ela seja vista como menos importante ou de forma indiferente. Na maioria das vezes, isso é o que

ocorre, mas, diferente do mais sábio que falou ao imperador chinês, o professor não pode ver a arrogância, a indiferença e a ignorância como imbatíveis. Pelo contrário, atitudes que revelem esse tipo de postura devem apenas mostrar ao verdadeiro educador que os alunos, a escola e a sociedade necessitam dele – por mais que essas instâncias não se deem conta disso ou não se importem com ele.

---

[2.] Segundo a fábula, um velho imperador chinês, preocupado com o futuro do seu império, escolheu o filho de sua esposa favorita para sucedê-lo. Percebendo, portanto, que o rapaz era jovem e não tinha conhecimento necessário para tal cargo, resolveu contratar um sábio para ensinar ao rapaz a arte de governar. Para que o rapaz não governasse sozinho, o imperador designou como companheiro o filho de sua décima quinta concubina. Para que os filhos não ficassem sozinhos, designou um servo para acompanhá-los. O imperador solicitou que o sábio dos sábios realizasse a tarefa. O homem, que já era bem idoso, disse não ser capaz de realizar um trabalho tão grandioso. O segundo mais sábio do império foi chamado em seguida, agradeceu a escolha, mas disse que morava longe, possuía muitos alunos e filhos e muitas mulheres e temia não realizar bem a função. A seguir, foi convocado o terceiro sábio do império, que alegou ter de viajar e, por isso, não poderia realizar a tarefa. Indignado com as recusas, o imperador reuniu os três sábios e disse que, se nenhum sábio aceitasse o trabalho, todos seriam mortos. O sábio dos sábios disse que a missão era impossível de ser realizada, pois o filho favorito acreditava que, para ser imperador, não precisaria de mais nada, a não ser, o desejo de deu pai. O irmão sabe que será sempre o esquecido, então, nada será modificado em sua vida e o servo deseja aprender, diferente dos filhos, mas nada sabe e quem nada sabe nada aprende. E, segundo o sábio dos sábios, as mais terríveis inimigas de qualquer educador são: a arrogância, a indiferença e a ignorância. Estas são combatíveis, se separadas, mas imbatíveis, quando unidas. (COSSON, 2012, p. 9,10)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARA, Tania M.N. Lygia Bojunga: a oralidade como estratégia de leitura e de inclusão social. In: **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Palhoça, Santa Catarina. out.2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário – teoria e prática**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se complementam.**

23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (orgs). Ler e escrever na biblioteca. In: **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 4ed. Porto Alegre: UFRS, 2001.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

## SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e mestrado em Linguística pela mesma instituição. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa e Produção de Texto, na Prefeitura da Paracambi (RJ).